

Saudade da pequena Ingrid

Dos meus cinco ou seis anos, uma lembrança continua até hoje. Perto da minha casa, na Rio Branco entre a Rodrigues Alves e a Bandeirantes, residia a pequena Ingrid que tinha mais ou menos a mesma idade. Com ela e o irmão Rodolpho, brincávamos o dia todo. No entanto, como os pais eram alemães, por força da 2ª Grande Guerra e a perseguição aos oriundos da Alemanha, mudaram para a Bahia.

De Salvador, com frequência recebíamos correspondência acompanhada de fotos da família muito estimada por nós. A partir de certo dia, porém, não mais chegou qualquer notícia e a informação que tínhamos foi a de que todos eles teriam voltado para a Alemanha, em pleno período da guerra (1939 a 1945). Jamais me esqueci da menininha Ingrid.

No tempo dos filmes seriados

Sempre fui um frequentador assíduo dos velhos cinemas. Cheguei a conhecer o Cine Brasil, no qual assisti filmes com os famosos caubóis Tom Mix e Buck Jones. Mas foi através dos chamados seriados, os quais eram exibidos em capítulos (15 ao todo), que vibrava com os heróis, a exemplo de Flash Gordon, Dick Tracy, Fantasma, Jim das Selvas, Mandrake e tantos outros que também faziam parte das histórias em quadrinhos mostradas na Gazeta Juvenil, Gibi, Sextaferino, Globo Juvenil e divesificadas publicações da época.

Os diferentes divertimentos

Naqueles tempos, anos 30 e 40, as crianças participavam de diferentes brincadeiras, entre as quais destacamos o pião, burica, empinar papagaio (hoje é pipa), jogar futebol nas ruas com bola de borracha, de meia ou o famoso capotão, futebol de botão, malha, bilboquê, amarelinha, carrinhos de rolimã, pular sela etc., eram também divertimentos da época. Outra pedida era nadar no Tiritan, cujo acesso acontecia pelos terrenos do Evaristo (hoje Estoril), inclusive usufruindo da deliciosa fruta conhecida por gabirola. Existia, ainda, a piscina Recreio da família Arena, lá no início da Bela Vista, na qual a gente desfrutava de um delicioso pão caseiro. Essas são outras recordações.

Tudo foi desaparecendo

Mas o tempo passava rápido. Chegou a fase da puberdade e um grupo de mais de 30 crianças foi se espalhando. Delas guardo boas lembranças. Nenhum partiu para o lado do mal ou de fatos que pudessem incriminá-los. Todos, desde os de família mais simples, se tornaram úteis à sociedade. Dessas mais de três dezenas de amigos, pelas informações que tenho, alguns aqui residem e outros moram em diferentes cidades. Mesmo distantes, com vários deles tenho mantido contato, quando momentos da infância são recordados com imensa alegria e, ao mesmo tempo, nostalgia.



Luiz Bagnol, carregador de malas nº 4, executava diferentes serviços com o seu veículo.

A Bauru dos velhos tempos

Desde a mais tenra idade, costumava passear pelas ruas centrais da querida Bauru, pois o meu pai era proprietário de uma gráfica localizada na quadra cinco da 1ª de Agosto, defronte ao antigo Hotel Central (hoje Lojas Cem). Ali executava pequenos serviços, mas nos momentos de folga tinha o hábito de circular pelas redondezas, apreciando o movimento das antigas firmas comerciais como a Casa Black, dos irmãos Ponce, que vendia tintas. A Casa Takeda (gêneros alimentícios) e na Batista, não esqueço da Casa Gebara, Royal, Siria, Foto Giaxa, Palácio das Meias, Casa Vermelha e tantas outras de gratas lembranças.

Nos anos 30 a Rua Azarias Leite, em sua quadra um, foi atingida por enorme erosão

O futebol varzeano

Em 1942, tinha eu já 15 anos de idade, quando dirigentes da então Liga Bauruense de Esportes (hoje LBFA) decidiram pela realização do campeonato varzeano. Correio da Noroeste e o esportista Amadeu Sangiovanni colaboraram e muito pelo êxito da iniciativa, quando aconteceu o primeiro certame da categoria, porém extra-oficial, cujo campeão foi o Auto Shell.

No ano seguinte começou a ser preparado o certame, agora oficial, mas que iria acontecer somente em 1944, cujo vencedor, com méritos indiscutíveis, foi o Canto do Rio F.C. Na qualidade de fã incondicional do futebol, passei a acompanhar os jogos que aconteciam aos domingos pela manhã em campos de terra, gols sem redes e nem os chamados bandeirinhas correndo pelas laterais. Era uma disputa romântica e que deixou saudade.



Casa Savastano teve presença marcante na vida comercial bauruense.

